



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O OLHAR LITERÁRIO DE PIETRO AZZI SOBRE A PORTO
ALEGRE DOS IMIGRANTES ITALIANOS**

Antonio de Ruggiero*

Dentro da produção literária de romances “coloniais” relativos à imigração italiana no Brasil, existe uma obra ainda muito pouco conhecida e estudada. Trata-se do romance *Al di qua dell’Oceano (Vita coloniale). Romanzo storico contemporaneo*, publicado em São Paulo, antes de 1927, e republicado só em 1948, pelo italiano Pietro Azzi, ambos sem nenhuma indicação editorial¹. Do autor pouco se conhece, a não ser que era toscano, diretor de uma revista literária na São Paulo nos anos vinte, e tradutor de alguns livros do português para o italiano (FRANZINA, 2006). Devia ser bem inserido na sociedade dos ítalo-paulistas considerando que o livro de 1948 apresenta nas primeiras paginas, anúncios publicitários de várias empresas industriais e artesanais de italianos estabelecidos na capital que, provavelmente, colaboraram aos custos da publicação. Importante é também sinalar a dedicatória à memória do grande industrial italiano Rodolfo Crespi, “nobre exemplo de virtudes cívicas”, falecido em São Paulo em 1939.

* É pesquisador bolsista de Pós-doutorado (programa PNPd/ Capes) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Doutor pela Università degli Studi di Firenze (2011). Graduado pela mesma universidade. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna e Contemporânea; história política italiana (sec. XIX e XX); história social. Nos últimos anos, desenvolveu pesquisas sobre a história da imigração italiana no Brasil com foco particular sobre os aspectos do “transnacionalismo”; imigração qualificada e empresarial; imigração e urbanização.

¹ Agradeço ao prof. Emilio Franzina, que me indicou a existência deste romance e me forneceu algumas informações preciosas sobre o autor e os conteúdos.

Nessa obra, que ele mesmo define como um «romance histórico contemporâneo» percebe-se muitas referências autobiográficas. O autor finge relatar as memórias da emigração de um conterrâneo seu no cenário do Rio Grande do Sul nos últimos anos do século XIX, em particular entre o centro de Conde d'Eu (hoje Garibaldi) na região colonial italiana, e a cidade de Porto Alegre, onde decidiu morar em uma segunda fase. Apesar da caracterização de romance de ficção, o enredo da narração se apoia sempre sobre um conhecimento evidente do ambiente analisado e sobre uma documentação que permite uma reconstrução confiável dos aspectos sociais e antropológicos nos lugares da “colonização” italiana, tanto na região da Serra quanto no centro urbano da capital gaúcha (AZZI, 1948). Através desta breve comunicação gostaria de analisar o olhar do protagonista sobre a vida na cidade como imigrante; sobre as atividades dos conterrâneos e as redes de relações étnicas construídas dentro da coletividade italiana da época.

As peripécias do protagonista, Pietro Impallomeni, chamado “Lucano”, começaram em 1889 quando, com vinte anos de idade, na pequena localidade toscana de Castelnuovo Garfagnana, decide atravessar o oceano para procurar o pai, Carlo Impallomeni, um ex garibaldino emigrado em 1875 depois de ter abandonado a esposa e o filho. Carlo teve uma trajetória emigratória interessante e dinâmica: se empregou primeiramente como assalariado em uma fazenda de Minas Gerais, mas depois de um breve período naquele “caos infernal”, onde se conduzia uma “vida animalesca” ao lado dos escravos negros, fugiu para trabalhar como *mascate* no Rio de Janeiro, ao longo da ferrovia “Minas e Rio”, um lugar que evidenciava a presença de numerosos seus conterrâneos. Muitos entre eles praticavam esta atividade de vendedor ambulante, caminhando jornadas inteiras nas imensas campanhas ao redor e se fornecendo dos vários produtos chegados diretamente da capital carioca, no depósito principal estabelecido em Conceição. A ascensão profissional de Carlo continuou com um novo emprego na capital brasileira, no armazém de produtos alimentícios de um “compaesano” do vilarejo de Chiozza na Garfagnana, antes de se estabelecer em São Paulo, onde abriu um escritório de representante, graças as relações profissionais estabelecidas no Rio de Janeiro. Finalmente se deslocou para Rio Grande do Sul onde as economias lhe permitiram construir uma pequena fortuna comercial com a implantação de uma loja-armazém, que se tornou uma referência na pequena localidade de San Marco, na colônia Conde d'Eu. É

aqui que se desenvolve a primeira parte do romance, onde o Lucano convive com muitas dificuldades de relacionamento com seu pai Carlo.

Depois de um briga por causa de uma jovem mulher, Lucano resolve se deslocar para a capital do Rio Grande do Sul. Aqui começa a segunda parte do romance, que merece uma atenção maior, considerando a utilidade que uma narrativa deste tipo pode ter para quem se ocupa da imigração italiana nos contextos urbanos. Na verdade, a primeira abordagem e representação da cidade se deu no momento da sua chegada ao porto, antes de embarcar no vapor que o conduzia em São João de Montenegro para pegar o caminho em direção de Conde d'Eu. Através de um primeiro olhar rápido e superficial, a cidade não impressionou muito o jovem imigrante:

“Nada de excepcional, de fato, Porto Alegre apresentava naquela época. Não parecia uma Capital de Província, (...) mas uma cidade quase secundária: nenhum palacete de belo aspecto, todas as casas e as construções eram baixas, na maioria com um único andar e pobres nos padrões arquitetônicos” (AZZI, 1948, p.29).

As considerações se tornaram mais articuladas e profundas na experiência sucessiva, quando Lucano escolheu a capital rio-grandense como moradia fixa, depois da permanência por alguns meses na região colonial.

Estamos em 1890 e Porto Alegre, “centro fundado em 1742 por uma colônia de agricultores das Açores” era ainda uma cidade em formação, “mas sinais de rápido progresso já a indicavam como a terceira principal cidade do Brasil”. A vitalidade dinâmica e industriosa e as melhorias que começavam a aparecer, na opinião eurocêntrica do protagonista eram diretamente ligadas ao elemento estrangeiro que se distinguia principalmente entre alemães e italianos. O grande comércio estava nas mãos dos primeiros enquanto os segundos, socialmente bem inseridos graças a “uma afinidade de raça” com os brasileiros, exercitavam o comércio de varejo, as artes e os serviços de todas as espécies. (AZZI, 1948, p.104). Não obstante as considerações positivas relativas aos processos de modernização da cidade, se observam também aspetos a ser melhorados como, por exemplo, o bonde a tração animal que já funcionava há muitos anos, mas que mostrava toda a sua ineficiência pois faltavam binários duplos, considerados necessários “em uma capital de estado”. No texto é narrado o episódio de um acidente que causa um grande atraso, provocando os lamentos e as reclamações veementes de um italiano, -um tal de Bernardi “o italiano mais genial de Porto Alegre”-, que criticava a “inércia da Companhia” e propunha um grande projeto “acerca do bom serviço público da cidade, a

ser apresentado logo na Prefeitura”. O autor parece sustentar a necessidade, evidenciada também pelo embaixador da Itália, conde Pietro Antonelli em uma sua visita no Rio Grande do Sul em 1899, de estimular a penetração de pessoal dirigente, intelectuais e engenheiros italianos entre os demais trabalhadores peninsulares residentes no Rio Grande do Sul. Esta preocupação “nacionalista” resultava da crescente influência de capitalistas e industrialistas alemães que “enviam para toda a parte seus representantes, estudam projetos de ferrovias, de estradas, de pontes, e apresentam tais projetos à aprovação do governo” (IOTTI, 2010, p.122).

De fato, naquela época, perto dos mais numerosos alemães, Porto Alegre contava com acerca de 6.000 italianos entre os 52.000 residentes totais. A composição social era muito diferente daquela mais homogênea encontrada nas colônias, formada em grande maioria por italianos do Norte. Em particular, o grupo maior e que mais do que todos os outros caracterizou a identidade da coletividade italiana em Porto Alegre, foi o de Morano Calabro, pequeno centro de montanha perto da cidade de Cosenza, na região meridional da Calábria. Os *moraneses* ocuparam o Bairro Cidade Baixa que era definido o Bairro Italiano, e abriram atividades na rua dos Andradas, que já na época era a principal artéria comercial da cidade. O grupo crescia progressivamente graças às cadeias migratórias e às dinâmicas de acolhimento de parentes e amigos. Ao lado deles que eram vendedores ambulantes, revendedores de fruta, pequenos comerciantes, sapateiros, barbeiros, médicos e farmacêuticos, como afirmavam as autoridades consulares naqueles anos, porém, havia também uma boa quantidade “de operários, pequenos comerciantes e industriais oriundos da Toscana, em especial de Lucca, da Romanha, e de algumas províncias meridionais, como Salerno, Avellino, Potenza” (CONSTANTINO, 2000, p. 68-69).

Nas páginas do romance de Azzi, em particular, provavelmente por causa do regionalismo, é acentuada com força a presença de toscanos, principalmente de *Luccheses* proprietários de armazéns onde se vendiam produtos importados da própria região, ou grandes comerciantes de tecidos e roupas. Isto, na verdade, não contraria o que já se conhece através das fontes “tradicionalistas”, que demonstram uma discreta presença toscana que, embora fosse muito menor em relação a São Paulo, teve uma consistência significativa na estrutura da coletividade italiana de Porto Alegre. Não é à toa que em 1899 nasceu em Porto Alegre uma associação regional chamada “*Unione Lucchesi*”, que reunia muitos comerciantes provenientes da região. (DE RUGGIERO, 2011, p. 114-119).

Apesar da escassa atratividade estética, evidenciada pelo autor que criticava principalmente “o aspecto paupérrimo” da grande maioria das construções civis, interrompido por raros palacetes que se distinguiam pela própria “perfeição e elegância” estilística como “flores isoladas”, era o porto a verdadeira alma e coração da cidade. Este lugar exercia um fascínio profundo e sugestivo, e suscitava uma prazerosa harmonia animada pela passagem “de pequenos navios, dos brigantinos e das canoas esportivas” (AZZI, 1948, p. 105). Estas considerações -como destacava nos seus estudos Núncia Constantino-, confirmam a prática, já desde o final do século XIX, de formas típicas de diversão informal e uma presença de atividade e de regatas, assim como de divertidos banhos da criançada, nas águas do Guaíba (CONSTANTINO, 2014, p. 240). E ainda mais do que a *Rua dos Andradas*, centro principal do comércio urbano e sede de muitas lojas “italianas”, o nosso autor evidenciava a extraordinária vitalidade de uma rua que costeava o mesmo porto e chegava até a extremidade da cidade de onde se podia continuar “através da ferrovia ou qualquer outro meio de mobilidade” até São Leopoldo, uma “pequena cidade, considerada a Petrópolis de Porto Alegre”. Tratava-se do assim chamado “*Caminho Novo*” (atual *Voluntários da Pátria*), cheio de depósitos, estabelecimentos e galpões comerciais, onde prevalecia o elemento “italiano”. Não faltavam armazém de produtos importados, que no caso do Cesare, “um *lucchese* genuíno” conhecido entre os italianos como “o Toscano”, era uma revenda de vinhos que tinha também função de bar e pensão familiar. Aqui os italianos, e principalmente os seus conterrâneos, se reuniam para jogar as cartas ou a *morra*, um jogo típico da colônia; para dançar e “relembrar a pátria longínqua”; e, sobretudo, para saborear o gostoso vinho *Chianti*, diretamente importado da Itália.

Quando Lucano chegou na cidade estava sem dinheiro, sozinho e sem nenhuma ligação com outros italianos presentes. Os amigos da colônia tinham lhe aconselhado a capital, que com o seu potencial de negócios podia fornecer muitas oportunidades de trabalho. De fato as possibilidades de emprego pareciam boas, considerando também que os alemães donos de lojas e das principais indústrias, valorizavam a possibilidade de empregar italianos que ajudassem com o conhecimento de uma língua a mais. O problema de Lucano, porém, era o desconhecimento da língua portuguesa, que talvez não fosse necessária nas colônias agrícolas, mas se tornava indispensável em uma cidade de comércio. Além disso, era penalizado pela sua condição de emigrante alheio a qualquer uma rede de relacionamento. Não teve maior sorte quando se apresentou na frente de

empreendedores provenientes da sua mesma região, que apesar da solidariedade regional, que em outra ocasião funcionava como um extraordinário mecanismo de integração, desconfiavam de um jovem desconhecido chegado de repente sem inserção em nenhuma rede social.

Na leitura, que contrasta um pouco com as imagens adocicadas apresentadas por outros observadores italianos como, por exemplo, a de Vittorio Buccelli² em 1905, se evidencia a presença de um número elevado de desempregados também dentro dos imigrantes italianos. Na verdade se especifica que não faltavam possibilidades de trabalhar, para quem se contentava de “empregos por jornada” como camareiro, servente etc. nas ocupações mais humildes possibilitadas pelos inúmeros estabelecimentos comerciais da cidade. Mas as ambições do jovem imigrante, assim como de muitos outros peninsulares atraídos pelo sonho de “fazer a América”, eram mais altas, considerando também o seu bom nível de educação e os seu gosto refinado pela literatura e pela poesia. Lucano chegava a se desesperar: “Eu fui atraído por falsas informações. Se dizia que este era um país promissor, não só para o agricultor, mas também para o profissional”. A ideia do jovem era de encontrar um lugar de trabalho na área administrativa “em qualquer empresa, ou no comércio” (AZZI, 1948, p. 119).

Diferente se apresentava a situação para os trabalhadores especializados como seu amigo Pericle, que era um violinista. Ele, também toscano, em nome de uma solidariedade regionalista que aparece como característica evidente entre os italianos, tinha hospedado na sua casa o jovem Lucano e com ele passava as melhores horas tomando bom vinho na taverna do Cesare, relembrando e brindando à amada Toscana, longínqua, mas sempre presente nas recordações dos dois. Pericle trabalhava em uma Companhia italiana de opereta que, estabelecida no teatro São Pedro de Porto Alegre, recebia pedidos contínuos de apresentações e tournée nas demais cidades do Rio Grande do Sul. No livro se afirma que, graças aos modernos meios de transporte fluvial e ferroviário, que interligavam as cidades de Porto Alegre, Pelotas, Bagé, Santa Maria, muitas companhias teatrais e musicais podiam se deslocar sem grande dificuldade. Esta possibilidade tinha

² Vittorio Buccelli foi um italiano contratado em 1905 pelo Governo do Rio Grande do Sul para viajar pelo estado, recolhendo dados das várias localidades para compilar um livro propagandístico de tal lugar que devia ser apresentado na *Esposizione Internazionale di Milano* em 1906. O livro que apresentou se intitulava “*Un viaggio a Rio Grande do Sul*”. Ver: CONEDERA, Leonardo. Olhar italiano: Vittorio Buccelli e a sua descrição de Porto Alegre. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de (org.). *Relatos de viagem como fontes à história*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012, p. 101-109.

determinado também uma maior circulação da cultura, e uma valorização das já muito apreciadas profissões “qualificadas”. Os negócios para estes indivíduos eram quase sempre satisfatórios, pois o ambiente era favorável a todas as atividades artísticas. Aparece com força, em varias páginas, a valorização dessas profissões e é lembrada a importância de um teatro luxuoso e refinado pela época, o *São Pedro*, orgulho da cidade, que desde 1858 oferecia o seu palco para as principais apresentações e espetáculos de companhias europeias (CONSTANTINO, 2014, p. 238).

Além do novo amigo ítalo-portoalegrense, também outro jovem italiano, o primo da futura esposa do Lucano, depois de ter estudado no Conservatório musical de Napoli e Milão, foi chamado por um seu parente de Porto Alegre e imediatamente obteve inúmeros convites de trabalho como professor de música e como músico nos teatros locais e de outras capitais brasileiras. Tais constatações parecem confirmar as afirmações do Consul italiano Compas de Brichanteau que, em 1893, esboçava um esquema de “classes” entre os imigrantes italianos nas cidades do Rio Grande do Sul, registrando uma divisão social que previa ao lado dos maiores comerciantes “magnatas da colônia” e dos demais pequenos comerciantes, vendedores ambulantes e artesãos, também uma categoria definida “dos artistas”, isto é musicistas e maestros de musica e de canto, que frequentemente faziam “ótimos negócios” na nova pátria (CONSTANTINO, 2008, p.110-111).

Apesar das capacidades poéticas e literárias expressadas desde a infância, Lucano não entrava nessa categoria privilegiada. Quando perdeu o apoio e a ajuda do amigo violinista partido para uma tournée, se convenceu que era necessário se empregar em qualquer trabalho que fosse “honesto apesar de poder ser penoso” (AZZI, 1948, p. 126). Aqui começam as páginas descritivas de um “purgatório” do nosso protagonista imigrante, que antes de alcançar uma luz de esperança e de resgate social, tem que atravessar um processo de dificuldade e dores quase purificador. Trabalhou como carregador em um depósito de cereais, mas em seguida adoeceu por causa da excessiva fadiga. Foi hospitalizado por 15 dias no centro da *Santa Casa*, o principal hospital da cidade. Continuou vivendo na miséria como lavador de pratos ocasionalmente nos restaurantes italianos ao redor do Mercado público, e recebendo a hospitalidade em uma casa de um veronese, empregado como jardineiro da Câmara Municipal, em troca de aulas de italiano ministradas ao filho dele. Dispensado deste emprego começou uma vida de

verdadeiro mendigo dormindo em um depósito do *Caminho Novo*, e vagando nas ruas do centro. (AZZI, 1948, p. 126-132)

Isto até reencontrar após alguns dias de desespero, um senhor elegantíssimo, o mesmo “*desconhecido*”, com o qual havia conversado na viagem de Génova a Rio, e depois de Rio a Porto Alegre, sobre os navios “Roma” e “Itapacy”. Depois de um difícil início como humilde *mascate*, o desconhecido havia construído uma razoável fortuna em Porto Alegre. Representava o estereótipo do imigrante pobre que tinha saído de uma vida difícil e de privações para uma condição de estabilidade, segurança e conforto. Isto graças a uma vida de trabalho e dedicação, além de uma boa dose de fortuna que lhe permitiu uma vitória de “duzentos contos” na Loteria de Natal, graças a um bilhete vendido por um *padovano* na Rua dos Andradas. Depois de uma relativamente rápida ascensão social na nova pátria de acolhimento, voltou ao “Paese” para buscar a mulher e os filhos deixados lá, para se transferir definitivamente ao novo mundo. A sua atual condição era de burguês abastado que residia em um elegante palacete e podia dispor de empregados domésticos como uma camareira, uma cozinheira e um jardineiro (AZZI, 1948, p. 138). Se tornou um “vencedor” depois de um percurso profissional árduo. Por isso agora compreendia bem o estado de ânimo daquele moço em dificuldade e estava disposto a ajudá-lo, beneficiando da sua influência sobre os vários comerciantes italianos da cidade aos quais podia indicá-lo. O conduziu para que se vestisse adequadamente e de gravata, ao *Emporio Toscano*³, uma loja de vestuário administrada por “um verdadeiro toscano”, Morganti, da qual casa o jovem Lucano saiu elegantemente vestido e pronto para enfrentar uma “vida nova” (AZZI, 1948, p. 133). A recomendação e a apresentação como um seu parente para o gerente de um estabelecimento italiano, foram suficientes a garantir-lhe um emprego. À diferença de quanto aconteceu nas primeiras experiências fracassadas, agora o dono do empreendimento se contentou das suas capacidades de ler e escrever para assinar-lhe imediatamente um contrato de trabalho. Começava dessa forma uma trajetória de rápida ascensão profissional e social, e ao mesmo tempo se tornava real

³ De fato, a partir de 1899 existia em São Paulo e não em Porto Alegre, uma grande casa comercial chamada “Emporio Toscano”, criada por dois irmãos de Lucca e posicionada na rua principal do comércio. Por muitos anos foi considerada a maior loja e com mais estoque de roupa e tecidos da capital paulista. Na verdade também Porto Alegre teve nos anos sucessivos grandes lojas de vestuário e alfaiatarias abertas por *lucchese*s como, por exemplo, a “Alfaiataria Guaspari” que, em um palacete de três andares, empregava setenta trabalhadores no começo do século XX.

a imagem mítica de uma América sedutora e repleta de oportunidades, que tinha alimentados os sonhos “de aventuras e de viagens” do jovem Lucano.

Ao mesmo tempo, porém, permanece evidente em todo o romance a lembrança viva e saudosa da pátria longínqua, expressada em varias ocasiões pelo protagonista e pelos demais imigrantes italianos que se relacionavam com ele. De fato as ligações do Lucano com a terra de origem não se quebram nunca. Quando começa a ganhar um dinheiro suficiente envia remessas para a mãe na Itália e, agora que a sua posição o permite, a convida a vir para Porto Alegre. Também a escolha do hotel onde se hospeda é emblemática dessa tendência. Trata-se de um hotel italiano modesto, mas aconchegante, chamado “*Stella d'Italia*” e frequentado principalmente por comerciantes italianos provenientes da colônia. Posicionado na frente da Praça da Harmonia (a partir de 1913, “Praça Garibaldi”), “Lhe dava a ilusão da Patria”:

“Lhe parecia que aquele fosse território italiano, e que o ar que lá se respirava fosse ar do lugar nativo. Parecia sentir, com uma certa ficção aceita pelo seu amor ardente, os efeitos benéficos da *extra-territorialidade....*” (AZZI, 1948, p. 141).

Começava a apreciar a vida de imigrante na capital cosmopolita do Rio Grande do Sul. O seu mesmo olhar da cidade se transforma em relação ao melhorado estado de ânimo. Porto Alegre assume nas descrições, as características de centro urbano acolhedor, principalmente em função da sua caracterização sempre mais “europeia”. Em uma sugestiva véspera natalina assim se apresentava o centro da cidade:

“Se escutava o som alegre dos sinos que difundia no ar a felicidade espontânea das coisas renascidas (...). Nas ruas, nas praças, nos cafés e nos diferentes centros de sociabilidade, aquela abundancia de cidadãos bem vestidos, fazia pensar a alguma coisa de prazer e felicidade. Os mercados já tinham exibido as verduras de rara proveniência, as frutas exóticas: nozes, avelã, castanhas, uva, figos secos, pêsegos, peras, maçãs, damascos, assim como os alimentos mais procurados (...). O uso tradicional de muitos séculos, que da velha Europa foi transplantado no Novo Mundo com sábia e constante penetração, tinha conquistado as almas dos povos jovens, destinados a um grande futuro” (AZZI, 1948, p. 223).

A sua nova posição profissional lhe permitiu de aprender perfeitamente português, assim como o mais difícil alemão; ou seja, os idiomas que, juntamente com o italiano, eram mais necessárias nas atividades e transações comerciais da cidade. O autor constrói, através do seu personagem, uma trajetória profissional de ascensão rápida e

vertical. Em pouco tempo Lucano alcançará uma posição de dirigente na empresa até se tornar sócio da Casa Comercial. Começará a frequentar a casa luxuosa do amigo e benfeitor, *Sconosciuto*, até se casar com a filha Flora. O casal conseguiu construir um elegante palacete para morar gozando de “todos os confortos de uma pequena família abastada” com empregados italianos razoavelmente instruídos, no bairro Menino Deus em “um dos mais deliciosos e amenos passeios de Porto Alegre”, meta muito atrativa para a população especialmente nos dias feriados (AZZI, 1948, p. 144). A inserção social também passou a ser aquela típica e amplamente estereotipada na historiografia sobre a imigração, dos bem sucedidos *self-made men*, ou “tios da América” que alcançar o sucesso e a riqueza, depois das peripécias e dificuldades iniciais. Lucano se tornou, assim, sócio das principais instituições filantrópicas e também do prestigioso *Germânia*, o mais antigo e mais exclusivo Clube de Porto Alegre, criado em 1855 como lugar de sociabilidade pelos imigrantes alemães (CONSTANTINO, 2014, p. 239).

Porto Alegre, em suma, se tornou o cenário que pôde oportunizar o crescimento econômico e humano de um imigrante que soube aproveitar as possibilidades que se apresentaram ao longo da sua trajetória. Como escreve o autor se referindo aos sucessos do seu protagonista:

“Existem aqueles homens, que por virtude pessoal ou graças aos instrumentos que possuem, aprendendo através do próprio passado, souberam alcançar resultados proveitosos e uma vida de bem-estar moral e material, se tornando exemplos positivo para a sociedade” (AZZI, 1948, p. 135).

Finalmente, pode-se dizer que o romance de Pietro Azzi aborda muitos dos lugares comuns relativos à epopeia de dezenas de milhares de emigrantes italianos que escolheram o Rio Grande do Sul como moradia. Mas, se já se conhecia uma literatura de matriz colonial, ambientada nas regiões de povoamento agrícola da Serra, o livro analisado representa uma novidade interessante, relativamente aos diversos aspectos sociais que a imigração italiana propiciava na capital do estado. Uma cidade cosmopolita em grande crescimento demográfico, onde os imigrantes europeus tiveram uma participação significativa em favorecer um processo gradual de modernização e transformação, no final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZI, Pietro. *Al di qua dell'Oceano (Vita coloniale). Romanzo storico contemporaneo*. São Paulo, 1948.
- BUCELLI, Vittorio. *Un viaggio a Rio Grande del Sud*. Milano: Pallestrini, 1906.
- CONEDERA, Leonardo. Olhar italiano: Vittorio Buccelli e a sua descrição de Porto Alegre. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de (org.). *Relatos de viagem como fontes à história*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O Italiano da esquina. Imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 2008.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Italiano na cidade. A imigração itálica nas cidades brasileiras*. Passo Fundo: editora da UPF, 2000.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Porto Alegre dos imigrantes (1880-1914): lazer e sociabilidades. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; MARTÍNEZ, Elda Evangelina González; ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; WITT, Marcos Antônio. *História da imigração: Possibilidade e Escrita*. São Leopoldo: OIKOS-Editora Unisinos, 2014.
- DE RUGGIERO, Antonio. *Emigranti toscani nel Brasile meridionale (1875-1914)*. 2011. 272 f. Tese (Dottorato di ricerca in studi storici per l'età moderna e contemporanea) - UNIFI, Firenze, 2011.
- FRANZINA, Emilio. *Una patria espatriata. Lealtà nazionale e caratteri regionali nell'immigrazione italiana all'estero*. Viterbo: Sette Città, 2006.
- IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e poder. A palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.



História Cultural